

**Anotações para uma genealogia da desconstrução:
Derrida lendo Husserl**

***Notes for a genealogy of deconstruction:
Derrida reading Husserl***

***Anotaciones para una genealogía de la desconstrucción:
Derrida lendo Husserl***

Raymmon Pablo Vale dos Santos¹
Josemar de Campos Maciel²

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Estudou extensão universitária em Inter-Ética. Pesquisador na área de Filosofia Contemporânea, no grupo de pesquisa Estudos Críticos do Desenvolvimento da UCDB/CNPQ. E-mail: raymmonpsantos@hotmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5649-8125>

² Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (FUCMT) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor do Mestrado em Desenvolvimento Local, Programa Master em Desenvolvimento Territorial Sustentável (Master STEDE) Erasmus Mundus/Erasmus Plus e da Licenciatura em Filosofia, na Universidade Católica Dom Bosco, . Estágio pós-doutoral concluído (Estudos Culturais, EACH-USP) com o projeto “Hospitalidade e Desenvolvimento: por uma pequena conversaçoão”. E-mail: maciel50334@yahoo.com.br, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8277-9422>

Resumo: Este trabalho é uma interpelação ao tema da “Escritura e a Diferença”, explorando os conceitos de Gênese, Estrutura e Fenomenologia, a fim de perceber as possíveis relações entre eles, além de sua contribuição para o campo filosófico. Na obra “Escritura e a Diferença” de Jacques Derrida, de modo particular, no capítulo V, “Gênese e Estrutura” e a Fenomenologia, encontra-se o material que inspirou o trabalho. É explorada e comprova-se a recepção de Husserl na obra analisada. Pode-se ainda mostrar um dos enraizamentos mais importantes da fenomenologia e sua relação com a gênese da Desconstrução. Concluímos que os termos Gênese e Estrutura, podendo num olhar ingênuo aparentarem ser conflituosos, se bem aplicados e compreendidos à luz da Fenomenologia, são uma ferramenta interessante para a construção de uma definição filosófica.

Palavras-chave: desconstrução; Derrida; Husserl.

Abstract: This paper is an interpellation to the theme of “Writing and Difference”, exploring the concepts of Genesis, Structure and Phenomenology, in order to review some possible relations between them, in addition to their contribution to the philosophical discussion. The focus of this effort is Jacques Derrida’s “Writing and Difference”, in particular chapter V, “Genesis and Structure” and its implications for Phenomenology. We give special attention to the reception of Husserl in the work analyzed. One can also see one of the most important roots of phenomenology and its relation to the genesis of Deconstruction. We conclude that the terms Genesis and Structure, which may seem conflicting, if well applied and understood in the light of Phenomenology, constitute a good tool for the construction of a philosophical definition.

Keywords: deconstruction; Derrida; Husserl.

Resumen: Este trabajo es una interpelación al tema de la “Escritura y la Diferencia”, explorando los conceptos de Génesis, Estructura y Fenomenología, a fin de percibir las posibles relaciones entre ellos, además de su contribución al campo filosófico. En la obra “Escritura y la Diferencia” de Jacques Derrida, de modo particular, en el capítulo V, “Génesis y Estructura” y la Fenomenología, se encuentra el material que inspiró el trabajo. Se explora y se comprueba la recepción de Husserl en la obra analizada. Se puede aún mostrar uno de los enraizamientos más importantes de la fenomenología y su relación con la génesis de la Desconstrucción. Concluimos que los términos Génesis y Estructura, pudiendo en una mirada ingenua aparentar ser conflictivos, si bien aplicados y comprendidos a la luz de la Fenomenología, son una herramienta interesante para la construcción de una definición filosófica.

Palabras clave: desconstrucción; Derrida; Husserl

1 INTRODUÇÃO

No texto que segue, esboçamos uma análise exploratória da obra “Escritura e a Diferença” de Jacques Derrida, ressaltando o valor filosófico dos termos “Gênesis, Estrutura e Fenomenologia”. Assim, tentamos apontar um caminho para a genealogia da desconstrução, buscada por Derrida nas suas leituras fenomenológicas de Husserl. Com isso pretendemos indicar que a tarefa do trabalho conceitual elaborado pela filosofia deve ter por objetivo não apenas a construção de um corpo de consumo interno. Para além disso, deve visar a uma apropriação dos conceitos por outras áreas do conhecimento, tal como os estudos linguísticos e literários.

Para Derrida, os significados não devem ser trancafiados, precisam ser livres para poderem estar em contínuo processo de construção do conhecimento. Não podem jamais ser escamoteados, como foi feito pelas ciências, em especial em suas manifestações criptometafísicas ocidentais. Enquanto isso, ao menos na avaliação de Derrida, a filosofia buscou abrir o campo dos significados, sobretudo junto à crítica literária.

A partir das elaborações derridianas, os textos aparecem como portadores dos frutos de sua época, e o caminho de busca da intenção de um texto, ou do autor, trazendo para a linguagem, haja vista QUE a linguagem deve falar por si só. A leitura correta de um texto se dá a partir da busca de sua matéria simbólica (linguagem) e de sua decodificação. Derrida, dessa forma, partindo de pressupostos fenomenológicos, opõe-se aos pressupostos lógicos aristotélicos, os quais determinam a identidade valendo-se da afirmação e da negação. Em Derrida, os termos (signos) dissolvem o significado “em si mesmos” e passam a ganhar mais densidade a partir dos seus contextos.

Lendo Husserl, Derrida aponta para a necessidade da reflexividade para a construção e definição de conceitos, em todas as áreas das ciências. Com isso, eles ganham mais amplitude, abrangendo o maior espectro possível de possibilidades, superando o atendimento de interesses de uma pequena parcela, mas reservando-se a singularidade, ou seja, sem tender a uma absolutização dos conceitos.

A abertura dos conceitos para o seu estabelecimento mediante a reflexividade é proposta por Derrida com a Desconstrução, o que já foi proposto em Husserl, com o *Fiktum*. Ambas as posições têm a finalidade de mostrar a necessidade de não se estabelecer um conceito por eleição, ganhando em tridimensionalidade.

Esse é pois, *in nuce*, o nosso itinerário exploratório: 1) definiremos os conceitos a serem trabalhados: Gênese, Estrutura e Fenomenologia; 2) mostraremos como se dá a interação desses conceitos, e como estes podem auxiliar na construção do conhecimento; 3) por fim, elucidaremos como a atividade desconstrucionista de Derrida contribui para o conhecimento científico, em especial o filosófico.

2 GÊNESE DA DESCONSTRUÇÃO DE JACQUES DERRIDA

Diante das perspectivas trazidas por diversas correntes e escolas filosóficas¹, Jacques Derrida apresenta uma nova concepção à filosofia. Desse modo, seu método contribui não somente com a filosofia propriamente dita, mas também com outras áreas do conhecimento, entre elas a linguagem. Ao propor o pensamento da Desconstrução, busca apresentar um modo de questionamento às estruturas já existentes e assim aprimorá-las, tornando-as sempre vivas e atuais em quaisquer épocas e lugares em que estas estruturas se encontrem.

Na textura da filosofia, a biografia do filósofo é importante, na construção derridiana. Somente desenvolvendo uma apreensão suficiente do contexto frequentado por um autor, para desenvolver a tarefa de construção do seu pensamento, um leitor consegue desenhar com maior ou menor clareza as parábolas e movimentos de tal pensamento, de tal processo de desenvolvimento. Essa posição aparece ricamente ilustrada na vida e na obra de Derrida.

Não tenho medo da biografia. Sou daqueles, pouco numerosos, que repetiram constantemente: convém de fato (e convém de fato fazê-lo

¹ Derrida se vê como uma espécie de iniciador e interlocutor. Seus biógrafos descrevem sua obra como uma teia de diálogos (MIKICS, 2009) e intervenções ou interrupções (PEETERS, 2013), em tradições como a fenomenológica, analítica, existencial e outras.

direito) repor em cena a biografia dos filósofos e o engajamento assinado, em particular o engajamento político, por seus nomes próprios, quer se trate de Heidegger ou ainda de Hegel, Freud, Nietzsche, Sartre ou de Blanchot etc. (DERRIDA, 2005, p. 145)².

O valor da biografia, para sermos breves, é ainda enfatizado por seguidores de Derrida, que se veem como herdeiros de uma forma de movimento intelectual, de uma série de inspirações e de um patrimônio, muito mais que de um sistema. Podem ilustrar essa ênfase as belas páginas de evocação e luto por Derrida no “Panteão” de Alain Badiou, que se declara um velho, com a pesada missão de continuar um legado (BADIOU, 2009, p. 129-44).

Posto isto, mesmo sem a pretensão de esgotar o assunto ou mesmo o estilo, devemos incluir neste estudo ao menos alguns dos fatos mais relevantes. Mas, levando em conta que ele apresentasse dificuldade de narrar sua própria história, como relatou no programa *Le bon plaisir de Jacques Derrida*, da France-Culture (PEETERS, 2013).

Nasceu em 1930 em El-Biar, um subúrbio de Argel, Argélia, em uma família judia, pequeno burguesa. Aos 19 anos, se afastava pela primeira vez de sua terra natal, mudando-se para França, devido à situação de guerra na Argélia. Em sua formação no liceu Louis-le-Grand, recebeu diversas influências, dentre elas, o existencialismo de Heidegger. No ano de 1952, ingressa na École Normale Supérieure, o que representa uma verdadeira libertação, onde mais tarde veio a lecionar. Foi docente em diversas instituições de renome internacional, entre elas Universidade Harvard, Sorbonne e Universidade da Califórnia. Vale destacar o ano de 1967, ano este em que são publicadas três de suas obras, as quais são de especial relevância em sua produção bibliográfica, são elas: *A escritura e a diferença*, o primeiro livro no qual seu nome aparece efetivamente como autor, e o qual será alvo de nossa pesquisa; *Gramatologia*; e *A voz e o fenômeno*. Na noite do dia 9 de outubro de 2004, Derrida morreu no quarto do hospital Curie, o qual fica a poucos metros da *École Normale Supérieure*.

² Em nota imediatamente subsequente, Rachel Bowlby (a tradutora para o inglês) anota que diversos trabalhos filosóficos de Derrida que envolvem um sustentado esforço de enlaçar a biografia envolvem Hegel, Marx e Nietzsche (DERRIDA, 2005, p. 101).

Para adentrarmos com mais propriedade aos pensamentos de Derrida – desconstrucionismo – é fundamental compreendermos bem os principais conceitos utilizados por ele, a fim de construir o método do desconstrucionismo. Partiremos dos pressupostos dados por ele em sua obra a ser analisada neste trabalho – “Escritura e a Diferença”, de modo particular, no capítulo V, “Gênesis e Estrutura” e a Fenomenologia – além disso, serão utilizadas concomitantemente as definições dadas por Silviano Santiago em sua obra: Glossário de Derrida.

2.1 Gênesis

A Gênesis não pode ser compreendida tal como um acontecimento do passado, ou um amontoado de dados ocorridos. Todavia deve ser uma nova geração realizada e recriada. Essa construção deve se dar em cada época, na qual se deve buscar ser entendida, apontada. Quando esses conceitos são analisados, contrapondo-os com outras épocas, sempre serão avaliados negativamente, como sendo algo a ser evitado ou superado, ou ainda pode ser avaliado positivamente, como algo que possa ser adotado e, se preciso, posteriormente melhorado (DERRIDA, 1967).

2.2 Estrutura

Esse conceito sempre esteve ligado à epistemologia filosófica e científica. É um acontecimento que se dá antes mesmo da estruturalidade da estrutura. Coloca em questão a clássica concepção metafísica do conceito, “face à estrutura coloca o centro como matriz cuja função é organizar e orientar a estrutura” (SANTIAGO, 1976, p. 36). Tal conceito deve ser compreendido fora da centralidade da estruturalidade da estrutura. Destarte, “a estrutura, com seus elementos articulados em um não-lugar, possibilita pensar a problemática da polissemia e da interpretação” (SANTIAGO, 1976, p. 36).

2.3 Fenomenologia

A fenomenologia deve ser compreendida apropriando-se dos conceitos de Gênesis e Estrutura, partindo de uma análise crítica e sistemática

em um diálogo entre esses dois, com objetivo de chegar a um consenso conceitual definindo melhor um termo a ser utilizado por qualquer campo epistemológico. Entretanto isso não deve ser feito como nas ciências empíricas que partem de um debate para definir um conceito, onde nem sempre o que vence é o melhor a ser utilizado. Este vence por algum motivo diverso que não deveria estar presente naquele campo do conhecimento a ser adotado (DERRIDA, 1967).

Derrida, numa entrevista a Elisabeth Roudinesco, apresenta a desconstrução como sendo um processo de construção. Para isso, ele utiliza da comparação metafórica com o recebimento de uma herança, em que, para que o indivíduo contemplado com o recebimento desta, para ser-lhe fiel, deve modificá-la de forma constante, a fim de se tornar atual e não se perder no tempo e na história. O essencial dessa ação é buscar a essência dessa herança e lutar nesse processo de atualização para que esse elemento central não se perca, mas continue vivo e evidente, mesmo com as modificações que o restante da estrutura sofra.

3 DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO NA OBRA

A filosofia deve ter por principal papel descrever e expressar as formas, além de como se estrutura um determinado pensamento. Pode se dar de duas formas: ou pela forma de um debate, ou por meio de uma reflexão, a qual é a melhor maneira de se dar esse processo, como aponta Husserl e é elucidado por Derrida (1967, p. 229):

Husserl mostra sua aversão pelo debater, dilema, aporia, pois prefere optar pela reflexão como alternativa, quando no final de uma deliberação o filósofo, pretende concluir, ou seja, fechar o problema, tendo em sua mira uma opção, uma decisão, uma solução... (tradução nossa³).

De acordo com Derrida, construir um pensamento através de um debate entre dois conceitos é muito prejudicial à filosofia, como a qualquer

³ No original: *“Husserl a toujours marqué son aversion pour le débat, le dilemme, l'aporie, c'est-à-dire par la réflexion sur le mode alternatif où le philosophe, au terme d'une délibération, veut conclure, c'est-à-dire fermer la question, clore l'attente ou le regard en une option, une décision, une solution...”*.

outra ciência. Quando este ocorre, faz com que apenas um dos conceitos seja eleito para determinar aquela situação debatida, podendo, ainda, fazer com que elementos que não deveriam se situar em uma determinada situação, se fizesse presente por vir junto do conceito eleito. Porém, com a prática de um diálogo, uma reflexão, é possível que se chegue a uma melhor apropriação de termos para definir e determinar uma conceituação filosófica.

A definição de um conceito deve, segundo a visão de Husserl e Derrida, ser uma conceituação aberta e dinâmica. Isso é postulado por Husserl na fenomenologia ao demonstrar a aplicação do *Fiktum*, e, por Derrida, ao propor a Desconstrução como um modo de tornar sempre viva e atual uma estrutura.

A fenomenologia de Husserl vai mostrar, a partir do *Fiktum*, a possibilidade de abertura para poder um termo não se fechar em seus significados e (re)presentificações, mas sim estar aberto às diversas possibilidades de se encaixar dentro de cada situação e contexto em que se apresentar.

[...] o *Fiktum* é abertura a (re)presentificações possíveis, no sentido de que, partindo da imagem atual e através da analogia e da variação imaginativa, encadeiam-se figurações mais aproximadas ou menos, segundo diferentes direções associativas. (SERRA, 2014, p. 31).

A fim de representar a relação de abertura do *Fiktum*, Serra nos apresenta a seguinte colocação:

Conforme esta concepção, ao considerarmos, por exemplo, os sapatos pintados por Van Gogh, estes podem remeter tanto a sapatos de camponeses, como aparece na leitura de Martin Heidegger (*Origem da Obra de Arte / Der Ursprung des Kunstwerkes*), quanto a sapatos do próprio Van Gogh, como o interpretou o historiador da arte Meyer Schapiro. (HEIDEGGER, 2008, p. 26s.; SCHAPIRO, 1968, p. 204). A partir das análises de Husserl, é ainda possível dizer que o *Fiktum* “sapatos”, que aparece na série de quadros pintados por Van Gogh, pode remeter ainda a uma variedade de significados apresentados como possíveis, bastando que o sentido noemático “sapatos” seja aí reconhecido, mas sem se manter atado a uma das determinações noemáticas singulares. (SERRA, 2014, p. 31).

Existem, dois campos de compreensão que a princípio podem parecer antagônicos: a gênese e a estrutura. Contudo, quando bem aplicadas,

estas são uma forma de somar forças para construção mais sólida e eficaz de uma definição filosófica, “a presunção de um conflito entre a abordagem genética e abordagem estrutural parece, de início, que se sobrepõe à especificidade do que é oferecido a um olhar ingênuo” (DERRIDA, 1967, p. 230, tradução nossa⁴). Em alguns momentos, devemos tomar um termo com seu significado a partir de sua forma estrutural e, em outros, a partir de sua gênese; entretanto, desde que esta apropriação não venha a causar prejuízos ao sentido ou à compreensão de tais termos.

O uso de debates para eleição de um termo a fim de se fazer uma definição é apontado por Derrida como sendo prejudicial à filosofia, e essa técnica que pode vir a deturpar um pensamento tem como principais aplicadores os metafísicos e os que se ocupam das ciências empíricas (DERRIDA, 1967).

Tanto na visão de Husserl quanto na de Derrida, quem faz a melhor aplicação dos termos “Gêneses e Estrutura”, no momento de definir um conceito, são os fenomenólogos. Estes, a partir da análise crítica e sistemática dos diálogos, realizam uma varredura para alcançar um consenso do que seria útil para a definição de um conceito a ser utilizado por qualquer área do conhecimento, em especial a filosofia.

Husserl recusa aceitar a inteligibilidade e a normatividade dos sistemas numéricos e aritméticos, as quais são partes de um sistema estruturalista. O filósofo apresenta o projeto fenomenológico para suprir as debilidades deste outro, haja vista que o conhecimento não se deve dar a partir de argumentos fixos ou sendo como algo mandado por deuses (milagre), mas deve estar em uma profunda relação com uma gênese possível e concreta.

Essa debilidade dos sistemas numéricos e aritméticos se dão pelo fato de não serem estes capazes de construir um conceito, porque o que diferencia um conceito de um número é uma questão meramente psicológica, segundo Derrida (1967, p. 234):

[...] a) distinguir um número de um conceito, é dizer, a diferença de um compacto, um artefato psicológico; b) sublinha a irredutibilidade da síntese matemática ou lógica da ordem – nos sentidos destas palavras

⁴ No original: “*la présomption d'un conflit entre approche génétique et approche structurale paraît d'entrée de jeu surimposée à la spécificité de ce qui se donne à un regard vierge*”.

– da temporalidade psicológica; apoia toda sua análise psicológica em uma possibilidade já dada de um nada (*etwas überhaupt*) objetivo. (tradução nossa⁵).

Ainda sobre essa relação entre o posicionamento de Husserl a respeito da problemática do significado e simbolização dos números, a Profa. Dra. Alice Maria Serra apresenta o seguinte:

[...] na *Filosofia da Aritmética (Philosophie der Arithmetik, 1891)*, Husserl sinaliza a importância dos correlatos intuitivos (não necessariamente perceptivos) para os atos lógicos e judicativos. A apreensão das validades lógicas, como é o caso das relações matemáticas, implica a possibilidade de manifestação das mesmas em diversas vivências da consciência, em atos de adição, coleção e também de simbolização e figuração. Nestes atos, as relações lógicas se ampliariam segundo novas possibilidades. (SERRA, 2014, p. 27).

Assim nos aponta ainda que nas *Investigações Lógicas*, o esclarecimento dos significados deve partir de uma base fenomenológica segundo a consciência imaginativa.

Frege, segundo Derrida (1967), a partir de bases aritméticas e da sua idealidade e normatividade, bem como das tendências da sua época, mostra a impossibilidade de fazer uma dedução psicológica do número, visto que o número é dotado de uma dimensão intencional na sua objetividade. “[...] o sentido do número pode prescindir muito bem o da intencionalidade de uma consciência do fato. Nesse sentido, é dizer, a objetividade ideal e a normatividade, é precisamente essa independência com respeito a toda consciência do fato” (DERRIDA, 1967, p. 234, tradução nossa⁶). Com isso, conforme apresenta Derrida (1967), Husserl é obrigado a aceitar as críticas apresentadas por Frege. Contudo, é reconhecida a existência dos aspectos psicológicos na formação de uma unidade numérica.

⁵ No original : “a) il distingue le nombre d'un concept, c'est-à-dire d'un constructum, d'un artefactum psychologique; b) il souligne l'irréductibilité de la synthèse mathématique ou logique à l'ordre — aux deux sens de ce mot — de la temporalité psychologique; c) il appuie toute son analyse psychologique à la possibilité déjà donnée d'un *etwas überhaupt* objectif”.

⁶ No original: “l'intentionnalité d'une conscience de fait, le sens du nombre se passe fort bien. Ce sens, c'est-à-dire l'objectivité idéale et la normativité, c'est justement cette indépendance à l'égard de toute conscience de fait;”.

Husserl, nesse processo de aceitação das críticas de Frege, busca manter a autonomia normativa da idealidade lógica e matemática tendo consciência da sua dependência originária e respeitando uma subjetividade geral, mas, ao mesmo tempo, concreta. Para isso, é preciso fazer uma escolha entre um estruturalismo lógico e um geneticismo psicológico. O caminho para alcançar o melhor resultado a essa busca é o da filosofia, por meio dela irá se buscar uma intencionalidade concreta, mas não empírica; esta deve ser transcendental, e, ao mesmo tempo, produtora e reveladora, ativa e passiva, ou seja, encontrar a raiz que está presente nos dois polos, pois, mesmo que a princípio estes se apresentem completamente diferentes, são possuidores de uma mesma raiz que os fundamenta. Só assim,

[...] se experimentará sem cessar que esta raiz comum é também a da estrutura e da gênese, que está pressuposta dogmaticamente por todas as problemáticas e todas as dissociações sobreviventes a propósito delas. (DERRIDA, 1967, p. 235, tradução nossa⁷).

Esse fato se dá principalmente por Husserl tentar primeiro reduzir ou neutralizar a gênese psicológica em detrimento de uma gênese factual em geral. Nisso se fundamenta a primeira fase da fenomenologia, que busca, de forma mais estruturalista, defender-se do psicologismo e do historicismo, pois aquelas acabam por entrar em um relativismo que é incapaz de as sustentar. Faz-se necessária a fenomenologia, vista a fragilidade da filosofia do geneticismo, que por um positivismo é incapaz de compreender-se (DERRIDA, 1967).

No entanto pode se dizer que sempre um conceito é dado em uma expressão linguística, e é isso que lhe garante a possibilidade de ser repetido infinitamente de maneira idêntica, pelas figurações aproximadas por meio da variação imaginativa. Isso pelo fato de essa última respeitar as essências obtidas por abstração ou redução, e não as coisas existentes (SERRA, 2014, p. 28). Serra ainda em seu trabalho *Imagem e suporte: Fenomenologia e desconstrução* traz:

⁷ No original: “On ne cessera d'éprouver que cette racine commune est aussi celle de la structure et de la genèse et qu'elle est dogmatiquement présupposée par toutes les problématiques et toutes les dissociations survenues à leur sujet”.

Pode-se dizer que Husserl, pois, de modo geral, nas Investigações Lógicas, ofusca a consciência figurativa e os atos de imaginação, ao submetê-los à função de elucidar significados expressos pela linguagem, ou a serem expressos desta forma (se são primeiramente variados pela imaginação); significados que assim independem da figuração sensível e dos aspectos materiais da imagem e não são passíveis de se modificarem através destes. (SERRA, 2014, p. 28).

A atitude fenomenológica se faz necessária à medida que a gênese e a estrutura apresentam suas impotências dentro de questões dogmáticas, quando, por exemplo, se vai questionar sobre as coisas físicas, psicológicas e históricas. Se de maneira

[...] mais ingênua for posta em prática a noção de gênese e sobretudo a noção de estrutura, supõem ao menos uma delimitação rigorosa das regiões naturais e do domínio da objetividade. Agora, esta delimitação prévia, esta delimitação do sentido de cada estrutura regional depende necessariamente de uma crítica fenomenológica. (DERRIDA, 1967, p. 236, tradução nossa⁸).

A filosofia e a ciência têm por princípio uma Ideia Infinita. Com isso uma busca da verdade, que seja subjetiva como a de Dilthey, conforme Derrida (1967), não conseguiria estabelecer uma verdade infinita, visto que esta acabaria entrando em um historicismo e se limitaria e acabaria por cair em um relativismo ou em um ceticismo.

Ainda segundo Derrida (1967), deve-se levar em consideração a colocação de Dilthey, contra a naturalização positiva da vida do espírito. As ciências do espírito devem ser a primeira e a maior explicação ao ato de compreender, e não a objetivação. Levando em conta três princípios, a saber: o primeiro, busca trazer a ideia de compreensão ou de re-compreensão, “*Nachleben*” (re-viver), essas noções devem conectar-se com a “*Einführung*” e com a “*Reaktivierung*”, ou seja, para despertar a produção de um sentido deve-se reviver a intenção passada de outro espírito; o segundo, de que as estruturas totalitárias são dotadas de um sentido interno de unidade,

⁸ No original: “*mise en oeuvre la plus naïve de la notion de genèse et surtout de la notion de structure suppose au moins une délimitation rigoureuse des régions naturelles et des domaines d'objectivité. Or cette délimitation préalable, cette élucidation du sens de chaque structure régionale ne peut relever que d'une critique phénoménologique*”.

uma espécie de organismo espiritual e mundos culturais, os quais têm funções e manifestações solidárias entre si, já que correspondem a umas “*Weltanschauungen*”; e o terceiro, buscar fazer a distinção das estruturas físicas, as quais têm por princípio a relação, causalidade externa, e das estruturas espirituais, as quais têm por princípio a relação de motivação (DERRIDA, 1967).

As urgências da vida exigem que a história se organize, dê uma resposta prática e esteja à frente de uma ciência absoluta, mesmo tendo dentro da história diversos pontos controversos. A esse sistema de antecipação, a estrutura da resposta dada, é o que Husserl denomina “*Weltanschauung*”, isto é, uma sabedoria que está estritamente ligada a uma época e cultura específica, e esta parte da cosmovisão de um indivíduo específico dentro dessa estrutura cultural (DERRIDA, 1967).

Foi imposto a Husserl o problema “estrutura-gênese”, o qual se encontra fora do campo da Fenomenologia, este foi fruto da extrema valorização de pressupostos da psicologia e da história dos fatos necessários, isto se dá no campo das atitudes fenomenológicas. Na perspectiva da metodologia husserliana, esse problema do campo da Fenomenologia deve ser trabalhado a partir do princípio da “redução” em suas formas eidética e transcendental (DERRIDA, 1967).

A descrição fenomenológica é, em sua primeira fase, resultante estática e estrutural. Ela se dá a partir de duas razões: a primeira é a relação que se estabelece contrária ao gentíssimo historicista ou psicologista com o seu rompimento, em que a preocupação genética é excluída por Husserl de forma sistemática. Dessa forma, a atitude contra esta que foi levantada fez com que tudo ocorresse considerando toda a gênese como: associativa, causal, fatídica e mundana. A segunda é a atenção dada por Husserl à articulação entre o objeto em geral e a consciência em geral, estando interessado primeiramente em uma ontologia formal e uma objetividade geral, tendo por finalidade chegar a descrições genéticas mais ambiciosas, definindo as formas e as evidências gerais, pretende chegar às últimas justificativas críticas e fenomenológicas (DERRIDA, 1967).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base tudo o que foi visto até aqui, percebe-se que a Desconstrução não é algo que tem por objetivos desmontar e destruir todo um texto ou um conceito, pois isso representaria permanecer no campo desconstruído. Mas, sim, fazer uma leitura da metafísica ocidental, de forma desconstrutora, é fazer uma discussão dos pressupostos, dos conceitos e de tudo que compõe a obra que está sendo lida, a partir dessa perspectiva. Dessa forma, direcionar o foco para aquilo que é mais relevante dentro do texto, denunciando os seus alicerces. A leitura, dentro dessa perspectiva, deve ser uma leitura descentrada, pois, ao contrário, não estaria atingindo os seus objetivos de alargar os campos da compreensão, mas apenas se muda de lugar o foco de centralidade dos conceitos. “O descentramento é, pois, a abolição de um significado transcendental que se constituía como centro do texto. Descentramento é a independência total da cadeia dos significantes” (SANTIAGO, 1976, p. 17).

Portanto, como apontado acima, nas visões de Husserl e Derrida, a partir da obra analisada, percebe-se a clara objeção destes aos conceitos estruturalistas, visto que tal forma de conhecimento busca definir de forma fechada, ou seja, de maneira definitiva, os conceitos e suas interpretações. Como é o caso dos sistemas numéricos e aritméticos, aos quais, Husserl se mostrou contrário em aceitá-los, devido às suas inteligibilidades e às suas normatividades e, com isso, ser parte do sistema estruturalista.

Fica ainda evidente que, partindo de uma visão fenomenológica, adotando a concepção de *gênese* e *estrutura*, pode-se fazer uma leitura desconstrutora de um texto. Mas, para isso, deve-se buscar não somente o contexto histórico em que a obra em questão foi escrita, mas buscar contextualizá-la com o tempo em que se encontra o leitor e com os objetivos que se pretende chegar com o estilo de leitura. Deve-se também tomar o cuidado para não querer objetivar de forma radical os conceitos, pois, como aponta Derrida, quando se tenta tornar um conceito verdadeiro de forma absoluta, este se transforma em um nada, visto que ele estará fechado em si mesmo e em seus significados apenas, não permitindo assim que aconteça uma eterna construção e seja então desconstruído a fim de

se manter vivo e atual, independente da época e do contexto em que se encontre.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *Pocket Panthéon*. Figures of post-war philosophy. Tradução de David Macey. London and New York: Verso, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Paper machine*. Tradução de Rachel Bowlby. Stanford, California: Stanford University Press, 2005.

DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.

MIKICS, David. *Who was Jacques Derrida? An intellectual biography*. New Haven and London: Yale University Press, 2009.

PEETERS, Benoit. *Derrida: biografia*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SERRA, Alice Mara. Imagem e suporte: fenomenologia e desconstrução. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 25-42, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/12790>. Acesso em: 26 fev. 2018.

